

The background of the cover is a solid orange color. Overlaid on this are faint, light-colored line drawings of archaeological site plans. These plans show various structures, walls, and courtyards, typical of ancient or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a wall, cuts across the middle of the cover, separating the title area from the lower part of the map.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

CERÂMICA DE IMPORTAÇÃO EM TALABRIGA (CABEÇO DO VOUGA, ÁGUEDA)

Diana Marques¹, Ricardo Costeira da Silva²

RESUMO

O presente texto ocupa-se do estudo da cerâmica de importação de época romana (*terra sigillata*, ânfora e cerâmica de engobe vermelho pompeiano) recuperada entre 1996-2005 nas intervenções desenvolvidas na estação arqueológica do Cabeço do Vouga (Águeda), que deverá corresponder à *Talabriga* mencionada por Plínio (HN 4, 113 e 116).

Através da análise concreta deste mobiliário artefactual procura-se perceber a importância e protagonismo económico do lugar dada a sua proximidade privilegiada ao oceano e como isso poderá ter favorecido a existência de redes comerciais dinâmicas. Com efeito, ao proporcionar uma conexão directa à rede de rotas marítimas, esta posição estratégica terá certamente contribuído de forma decisiva para o processo de desenvolvimento urbano desta capital de *civitas*.

Palavras-chave: Cabeço do Vouga (Águeda); *Talabriga*; Escavações de 1996-2005; Época romana; Cerâmica de Importação; Rotas e dinâmicas comerciais.

ABSTRACT

This paper presents the study of Roman period imported ceramics (*terra sigillata*, amphora and pompeian red ware) gathered between 1996-2005 in the interventions developed in the archaeological site of Cabeço do Vouga (Águeda), which should correspond to the *Talabriga* mentioned by Plínio (HN 4, 113 and 116).

Through the concrete analysis of this artifactual furniture, we try to understand the importance and economic protagonism of the place given its privileged proximity to the ocean and how this may have favored the existence of dynamic commercial networks. In fact, by providing a direct connection to the network of maritime routes, this strategic position certainly contributed decisively to the process of urban development of this capital of *civitas*.

Keywords: Cabeço do Vouga (Águeda); *Talabriga*; 1996-2005 excavations; Roman Period; Imported pottery; Trade routes and dynamics.

1. CABEÇO DO VOUGA (ÁGUEDA) E TALABRIGA

A estação arqueológica do Cabeço do Vouga – Sítio da Mina (Lamas do Vouga, Águeda) é um dos sítios mais enigmáticos da região do Baixo Vouga. Para esta situação contribuem várias vicissitudes e factores. Uma das principais causas estará directamente vinculada com a associação deste local à *Talabriga* mencionada por Plínio (HN 4, 113 e 116). Identificação controversa que, apesar de ser contestada por alguns (Mantas, 2012: 195), parece ser cada vez mais aceite

por outros que o tomam por quase certo (Alarcão, 2018: 131, nota 25). Não cabe aqui aprofundar o histórico crítico desta localização que tem sido detalhado por outros autores (Cf. a título de exemplo Alarcão, 2004; Lopes, 1995; 2000a; 2000b), visto que para tal faltam dados novos e relevantes. Efectivamente, a ausência de um plano integrado e continuado de investigação arqueológica para o sítio desde 2005, pode ser visto como outro dos motivos das constantes interrogações que este local encerra. As estruturas expostas e o espólio recolhido em diversas intervenções continuam, em grande parte, por estudar.

1. Mestre em Arqueologia e Território; FLUC / dianassm@outlook.pt

2. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Interdisciplinares – UC (CEIS2o) / rcosteiradasilva@gmail.com

Sobranceiro e ocupando um meandro no alto da margem esquerda do rio Vouga, o que hoje se designa por “Cabeço do Vouga” abarca duas plataformas aplanadas de diferente altitude (Fig. 1). A norte, o Cabeço Redondo, mais elevado e com maior área, debruça-se sobre o rio Vouga. A sul, de menor área e a cota mais baixa, o Cabeço da Mina pende sobre o rio e vale do Marnel, afluente do Vouga. Embora suscitando interesse arqueológico desde o século XIX (Vieira, 1870), é apenas em 1941 que ocorrem os primeiros trabalhos arqueológicos, dirigidos por Rocha Madahil, precisamente no sítio da Mina. Esta campanha arqueológica constitui um marco fundamental ao substituir as especulações teóricas sobre o sítio “pela sondagem directa das suas entranhas, e pelo indispensável estudo complementar do seu espólio arqueológico (...)” (Madahil, 1941: 348). Dos importantes vestígios arqueológicos colocados a descoberto destaca-se uma estrutura de planta rectangular (41,25m (no eixo Norte-Sul) x 34,65m (no eixo Este/Oeste) (Fig. 2), inicialmente interpretada como uma muralha (Madahil, 1941: 353-356). A planta publicada nos anos 40, importante contributo para as posteriores investigações, revela a existência de outras construções (domésticas?) circulares e rectilíneas dentro deste recinto rectangular que se apresenta reforçado na fachada poente por contrafortes (denominadas de “pilastras”) e corpos “semicilíndricos” (Fig. 2) (designados por “bastiões”) (Silva e Maia, 2005: 70-71). A monumentalidade destas ruínas conduziu à sua classificação como Imóvel de Interesse Público em 1947. Apesar disso, só em 1966 se desenvolve nova campanha arqueológica no local sob a direcção de Mário de Castro Hipólito. Não foi publicada nenhuma informação nem são conhecidos quaisquer registos desta intervenção que terá incidido principalmente no talude nordeste e na escavação de uma das estruturas semicilíndricas (Silva, 2010: 20).

Finalmente, passados mais 30 anos, entre 1996 e 2005, o arqueólogo Fernando Pereira da Silva lidera um projecto de salvaguarda da estação que contemplou novas escavações e a valorização ou restauro de estruturas. As dez campanhas desenvolvidas permitiram reunir um acervo importante de material arqueológico que testemunha a ocupação (aparentemente) ininterrupta do local entre o Bronze Final e o período romano (Silva, 2010: 26 e ss.). Por outro lado, a limpeza e o alargamento da área sondada permitiu esclarecer algumas dúvidas que persistiam

sobre o desenho e cronologia das estruturas já conhecidas e consentiu novas abordagens e hipóteses interpretativas. Entre estas sublinha-se a proposta de que a referida construção rectangular (Fig. 2) corresponde a uma estrutura de contenção (como que um criptopórtico não porticado), projectada para modelar o terreno com a criação de uma plataforma artificial que favorecia a construção de edifícios, inclusivamente públicos (Silva, 2010: 36-37). Hipótese que nos reporta para a possível localização do fórum. Este trabalho não teve continuidade dada a morte prematura do arqueólogo Fernando P. Silva que não terá tido tempo para analisar e publicar monograficamente os resultados da sua investigação, nomeadamente no que concerne ao estudo dos materiais arqueológicos exumados. Recentemente, a autarquia de Águeda (fiel depositária deste espólio) estabeleceu contacto com o Instituto de Arqueologia da FLUC no sentido de, através de uma parceria, contrariar esta situação. Tendo em conta o estado de arte deste sítio arqueológico, entende-se que a sua compreensão, de forma integrada e em toda a sua dimensão e importância, deveria iniciar-se pelo estudo daquela coleção de materiais. Nesse sentido, neste primeiro trabalho, apresenta-se a análise da cerâmica de importação de época romana (*terra sigillata*, ânfora e cerâmica de engobe vermelho pompeiano) recuperada nas últimas intervenções de 1996-2005.

2. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Da leitura que se fez de documentação variada deixada por Fernando P. Silva (não apenas dos relatórios de intervenção) que se encontra em arquivo na Câmara Municipal de Águeda ressalta em evidência o estado de desolação e completo abandono em que se encontrava, nos anos 90, o sítio do Cabeço do Vouga. Nos mais de 60 anos que decorreram após as primeiras escavações de Rocha Madail (1941) causaram-se danos irreparáveis nas estruturas então descobertas, motivados sobretudo pelos revolvimentos e destruição provocados pelos reflorestamentos intensivos de eucaliptos (Silva, 2002: 22). As ruínas encontravam-se cobertas por uma mancha densa de arvoredos que tudo envolvia e pouco deixava já vislumbrar das estruturas arqueológicas; as antigas valas de sondagem estavam completamente atulhadas e o topo das estruturas derrubados. Nesse sentido, entende-se que Fernando Silva tivesse

tomado como prioridade e espírito de missão “recuperar para a posterioridade” aquele legado. Assim, as primeiras campanhas tiveram como objectivo principal a limpeza e reconhecimento das estruturas descobertas nos anos 40 com vista à sua consolidação e levantamento gráfico. Para tal, os trabalhos cingiram-se à escavação de áreas já intervencionadas (incompletamente) nas campanhas pioneiras de Rocha Madail e M. de Castro Hipólito, à remoção de cobertos vegetais e de taludes de terra resultantes das escavações anteriores, à realização de estudos de diagnóstico para posterior aplicação de políticas de conservação, restauro e reposição de estruturas, para além de se revelar a preocupação pela aquisição de novos lotes de terreno (por parte da autarquia) indispensáveis ao arranque e prossecução dos trabalhos futuros (Silva, 2002). Consta-se que os trabalhos que conferem o real alargamento da escavação a novas áreas terão tido verdadeiramente início apenas na 5ª campanha, em 2000. Com efeito, cumpre assinalar que daqueles primeiros anos apenas se recolheram cerca de 40 fragmentos de *terra sigillata* e as poucas ânforas tidas em conta neste estudo que, todavia, são provenientes de níveis superficiais, revolvidos e secundários. Na verdade, a maioria do espólio analisado neste trabalho foi exumado nas campanhas entre 2000 a 2004 que se centraram no que foi designado por sector I, que corresponde à metade norte-ocidental da plataforma artificial do sítio da Mina (Silva, 2002: 24). Apesar de assumirem sempre o principal intuito de complementar a informação obtida em 1941, assinala-se uma muito favorável evolução em termos dos procedimentos metodológicos. Verifica-se a preocupação em articular níveis estratigráficos com estruturas, embora da análise dos relatórios essa relação nem sempre seja óbvia. Define-se o enquadramento cronológico e cultural de algumas construções, mas não se justifica essa interpretação, pois os materiais arqueológicos não chegaram a ser estudados de forma sistemática. Efectivamente, são vários os constrangimentos³ que impossibilitam, para já, uma cabal contextualização

3. Talvez por esse motivo outros investigadores, que surgem mencionados na documentação arquivada em planos, pré-projectos e cartas de intenção como potenciais autores do estudo desta coleção de materiais, nunca tenham efectivamente apresentado o resultado dessa análise. Tentou-se, por várias vezes, estabelecer o contacto com alguns destes investigadores, embora nunca se tenha obtido resposta.

do espólio analisado. Nos relatórios, a par de lacunas e omissões ao nível do registo das escavações (que eventualmente se previa colmatar *a posteriori*), não se avança com interpretação para os pacotes estratigráficos e só muito raramente se apresenta a relação entre estratos e materiais.

Dadas as limitações e condicionantes apresentadas, optou-se por, neste primeiro trabalho, apresentar uma análise geral aos fragmentos de cerâmica importada de época romana tendo em vista a classificação de fabricos, formas e tipologias presentes no local. A integração contextual mais fina de algumas peças deverá ser testada, futuramente, em paralelo com a interpretação das estruturas e respectiva co-relação com os níveis estratigráficos.

3. AS IMPORTAÇÕES DE CERÂMICA ROMANA EM TALABRIGA (CAMPANHAS DE 1996 A 2005)

A cerâmica de importação de época romana exumada no Cabeço do Vouga é composta por baixela fina de mesa (*terra sigillata*), algumas ânforas e cerâmica de engobe vermelho pompeiano. Paralelamente aos problemas de contextualização já mencionados, acrescem outros directamente relacionados com a localização de algumas peças. Depois de várias vicissitudes, o espólio resultante das campanhas modernas de escavação encontra-se depositado no edifício (“Casa do Castelo”) onde se instalou o Fórum Municipal da Juventude. Na documentação em arquivo constam os inventários gerais, organizados por categorias de material. Nestas listagens inclui-se pouco mais que a indicação da campanha e data de recolha e proveniência estratigráfica. No entanto, constatarem-se várias incongruências após o cruzamento destes dados com as peças ali depositadas, sobretudo ao nível da contabilização. Os inventários registam um número superior de fragmentos que não corresponde ao que é observado. Verificou-se que peças com colagem mereceram um número de inventário individual por cada fragmento colado, inflacionando a contagem final. Para além disso, verifica-se que algumas peças se encontram mal caracterizadas. Por exemplo, na listagem correspondente às *sigillatas* fomos encontrar fragmentos de cerâmica comum de laranja fina e até cerâmica de engobe vermelho. No entanto, mesmo atendendo a estas situações, verifica-se a ausência de algumas (apesar de poucas) peças que, aliás, se encontram desenha-

das⁴. Serve esta ressalva inicial para sublinhar que o estudo apresentado teve apenas por base os fragmentos de cerâmica que tivemos oportunidade de observar e analisar. Face ao que foi possível apurar, uma parte do material exumado encontra-se em paradeiro incerto.

3.1. *Terra sigillata*

O conjunto de terra sigillata é composto por 153 fragmentos que se distribuem pelas produções de tipo itálico (75 frag. – 49%), sudgálico (18 frag. – 12%) e hispânico (60 frag. – 39%). Em todas as produções, porém, não foram muitos os fragmentos passíveis de classificação tipológica. Apenas em 18% da coleção (28 frag.) foi possível proceder a atribuição formal (em 15 frag. itálicos, 5 frag. sudgálicos e 8 frag. hispânicos). Assinala-se ainda a total ausência de produções mais tardias, nomeadamente dos serviços africanos.

3.1.1. *Terra sigillata* de produção itálica

No que diz respeito à TSI regista-se apenas a presença de formas lisas (Fig. 3), que se distribuem por um repertório formal variado e vasto. Assinala-se a supremacia das taças (11 frag.) face aos pratos (4 frag.). Os pratos fazem-se representar pelas formas Consp. 4 (1 frag.), Consp. 5 (2 frag.) e Consp. 12 (1 frag.). Nas taças destacam-se as formas Consp. 22 (4 frag.), Consp. 8 (2 frag.) Consp. 9 (2 frag.) e Consp. 28 (2 frag.), tendo-se identificado ainda a presença de um exemplar da forma Consp. 23. Tomando por base as fases determinadas por C. Goudineau (1968: 376-377), verifica-se um equilíbrio entre as formas precoces e as formas ditas *clássicas*.

Tradicionalmente associado ao grupo das formas clássicas, os pratos baixos com lábio semicircular e parede convexa, integrados genericamente na forma **Consp. 4**, abarcam um período de produção bastante longo que pode atingir os meados do séc. I. De difícil classificação, parece ser possível integrar o único exemplar identificado na variante Consp. 4.5 (Fig. 3, nº 1) que poderá atingir o final do reinado de Augusto (*Conspectus*: 58). Todavia, o prato mais representado na coleção corresponde à forma **Consp. 5**. Os exemplares identificados, com parede curva e bordo de

lábio arredondado parecem corresponder à variante Consp. 5.2.1 (Fig. 3, nº 2) que é exclusiva do período inicial do reinado de Augusto (*Conspectus*: 60). Refira-se ainda a presença de um prato da forma **Consp. 12**, de bordo triangular pendente. Este exemplar parece integrar-se na variante Consp. 12.4.2 (Fig. 3, nº 5) caracterizada pela sua parede interna ligeiramente arqueada e cuja cronologia se situa entre a última década do séc. I a.C. e os primeiros anos da nossa era (*Conspectus*: 72).

Um dos raros elementos completos diz respeito a uma taça de parede oblíqua e bordo saliente da forma **Consp. 8**. Esta parece caber no tipo Consp. 8.1.3 tendo em consideração a presença de lábio triangular (Fig. 3, nº 3). Esta taça, representada por dois exemplares, é geralmente datada entre 30 a.C. e a primeira década do séc. I d.C. Também com duas peças, a taça de parede convexa **Consp. 9** parece enquadrar-se no tipo 9.1 (Fig. 3, nº 4) que deverá datar entre 10 a.C. e 20 d.C. (*Conspectus*: 66). A taça de corpo cónico e bordo vertical côncavo (**Consp. 22**), cuja cronologia de produção se encontra estabelecida entre meados do reinado de Augusto e Tibério (*Conspectus*: 90), é muito frequente em território nacional e, de igual modo, a mais preponderante no Cabeço do Vouga com quatro exemplares. Tendo em conta a divisão interna do bordo, deverá fazer-se corresponder um indivíduo à fase inicial de produção e à variante Consp. 22.1 (Fig. 3, nº 6). As restantes deverão corresponder à variante Consp. 22.3 (Fig. 3, nº 7). Um exemplar parece contrastar com o perfil troncocónico das taças Consp. 22. Parece inserir-se na forma **Consp. 23**, sem qualquer divisão interna da parede superior. Deverá corresponder à variante 1, com bordo ligeiramente reentrante (Fig. 3, nº 8), situando-se em torno dos meados do séc. I d.C. (*Conspectus*: 92). Pertence já ao período de transição entre o período “avançado” e o “tardio” a taça cilíndrica de pé anelar **Consp. 28**. Estas produções mais tardias que podem alcançar os meados do séc. I d.C. estão representadas por dois exemplares que se incluem na variante Consp. 28.2 (Fig. 3, nº 10 e 11) com bordo de lábio arredondado diferenciado por ranhuras e com decoração em guilhoché. Uma das peças ostenta marca de oleiro incompleta, em cartela rectangular, e onde apenas se lê [...] RVI]. Com algum grau de incerteza poderá corresponder ao oleiro de Arezzo C. *Aruius* (OCK, tipo 254.1) cuja produção se centra entre 15 a.C. e 15 d.C.

As marcas de oleiro são um indicador relevante.

4. Muitos dos desenhos apresentados nas figuras em anexo encontram-se em arquivo na Câmara Municipal de Águeda, desconhecendo-se a autoria. Foram corrigidos e adaptados para serem utilizados nesta publicação.

Para além da já mencionada, identificaram-se mais duas marcas que parecem sugerir uma ligeira primazia dos produtos oriundos de Arezzo. Um dos fundos apresenta marca em cartela rectangular que se desenvolve numa única linha, lendo-se [CVIR] (Fig. 4, n.º 1). Parece pertencer a *C. Vibienus* (2) (OCK, tipo 2373.29) cuja actividade se centra entre 1 e 40 d.C. Kenrick atribui a localização desta oficina a Arezzo, mas discute a existência de uma segunda oficina em Roma (OCK: 473). Por fim, num outro fundo surge a marca de *Hilarus* (OCK, tipo 953.2), oleiro da região do Centro de Itália e do Vale do Pó cujo período de laboração se estima entre 20 a.C. e 10 d.C. A marca quadrangular desenvolve-se em duas linhas (HIL/ARVS), sendo apenas visível [...]IL(...)/R(...)] (Fig. 4, n.º 2).

3.1.2 *Terra sigillata* sudgálica

No caso específico das produções sudgálicas, da totalidade dos 18 fragmentos identificados apenas cinco permitiram proceder a atribuição formal, representando exclusivamente formas lisas – três taças Drag. 24/25 e dois pratos Drag. 18/31.

A forma **Drag. 24/25** encontra-se bem representada no conjunto estudado (Fig. 4, n.º 3). Os exemplares observados documentam a ampla variedade de perfis e diâmetros (que rondam os 10-11cm) característicos desta taça hemisférica de protótipo itálico. Esta forma, ao longo do seu relativamente extenso período de produção (iniciada com Tibério), terá conhecido poucas variações, ainda que se observe uma certa preferência, no final do séc. I, pelas peças com dimensões mais pequenas e mais encorpadas (Genin, 2007: 326).

Particularmente comuns são os pratos de perfil simples classificados como **Drag. 18** (18/31), ainda que neste conjunto surjam muito fragmentados (Fig. 4, n.º 4). A produção desta forma, com múltiplas variantes, inscreve-se genericamente, uma vez mais, entre o reinado de Tibério e pelo menos os inícios do séc. II (Lutz, 1974: 35; Delgado, Mayet e Alarcão, 1975: 93; Bourgeois e Mayet, 1991: 82 e 101-102; Genin, 2007: 332).

O lote em análise providenciou um único exemplar de fundo com marca de oleiro onde se pode ler [OF (...) CVN] (Fig. 4, n.º 5). Deverá tratar-se da assinatura do oleiro *Secundus* que conta com oficinas em La Graufesenque e cuja actividade se centra entre 65-90 d.C. (Polak, 2000: 325-327). É com base na semelhança do paralelo visível num prato Drag. 18 de

Vechten que se propõe a respectiva cronologia (Polak, 2000: 326). Conhecem-se várias marcas deste oleiro em diversos locais da Península Ibérica (Beltrán, 1990: 95). Na fachada norte atlântica encontra-se registado, por exemplo, em Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975: 126, n.º 338-342) e Braga (Delgado e Santos, 1984: 59, n.º 15).

A observação macroscópica das características da pasta e do verniz dos fragmentos em estudo parece revelar, à semelhança do que ocorre noutros lugares do centro-norte da Lusitânia (cf. o caso de Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975: 69) e *Aeminiun* (Carvalho e Silva, 2021: 50), uma proveniência exclusiva ou quase exclusiva das produções de La Graufesenque.

3.1.3 *Terra sigillata* hispânica

As produções hispânicas de *terra sigillata* estão representadas por 60 frag. dos quais apenas 8 permitiram classificação tipológica. O conjunto revela a ocorrência de peças com pasta vermelha e vernizes de boa qualidade – espesso, uniforme e brilhante, provenientes em exclusivo de La Rioja. Regista-se somente a presença de formas lisas com uma ligeira preponderância das taças (5 frag.) face aos pratos (3 frag.). Os perfis identificados correspondem às formas mais frequentes e difundidas, nomeadamente da taça **Drag. 27** (2 frag.) e do prato **Drag. 15/17** (2 frag.). Estes fragmentos são de muito reduzida dimensão, impossibilitando até a determinação do diâmetro. No primeiro caso a parede biconvexa e no segundo a característica moldura interna, denunciam a sua tipologia. A forma mais representada é a taça hemisférica **Drag. 24/25** (3 frag.), com moldura externa bem marcada na parede e guilhoché no exterior do bordo (Fig. 4, n.º 7). Refira-se, por fim, o prato **Drag. 36** que apresenta perfil completo (Fig. 4, n.º 6). O prato com 17cm de diâmetro não apresenta a típica decoração de barbotina de folhas de água sobre o bordo em aba. Sendo uma das formas com mais sucesso no Mediterrâneo (Mayet, 1984: 73), o início da sua produção deverá acerrar-se da mesma datação das peças produzidas em época flaviana no sul da Gália. Ao contrário da taça Drag. 35, o fabrico deste modelo de prato pode prolongar-se até ao séc. IV (Mezquiriz, 1985: 154-155). A presença destes serviços testemunha que *Talabriga* continuava plenamente integrada nos circuitos comerciais nos finais do séc. I.

3.2. Cerâmica de engobe vermelho pompeiano

Foram ainda identificados 16 fragmentos de cerâmica de engobe vermelho de tipo pompeiano que contemplam 7 recipientes distintos (número mínimo de indivíduos). Este tipo de cerâmica de importação, característica dos períodos republicano e augustano (Goudineau, 1970; Alarcão *et al.*, 1976: 51-58 e pl. XII-XIII), encontra-se representado por seis grandes pratos que correspondem à forma 6 de Aguarod Otal (1991) (Oberaden 21a/ Luni 5) e uma tampa da forma 3 de Aguarod (Luni 1) (Fig. 5). Apresentam-se, do ponto de vista tecnológico, como um conjunto homogêneo ostentando engobe vermelho espesso, brilhante e aderente, cobrindo a face interna e o dorso do bordo. As pastas, de cor castanha alaranjada, assemelham-se ao que é apresentado como “pasta 2” por C. Aguarod Otal (1991: 52) na Catalunha, sendo muito evidente a presença de partículas negras vulcânicas que atestam a sua origem procedente da Campânia.

Todos os exemplares de pratos da forma 6 de Aguarod apresentam bordo boleado, embora por vezes ligeiramente engrossado (Fig. 5, n.º 1), e variam entre os 26-29 cm de diâmetro. Esta parece ser a forma dominante em território português, nomeadamente nesta faixa litoral atlântica como é o caso, por exemplo, de Lisboa (Fernandes e Filipe, 2007: 241), Santarém (Arruda e Viegas, 2002: 225), Conímbriga (Alarcão *et al.*, 1976: 51-53), *Aeminium* (Silva, Carvalho e Fernández, 2018: 137-138) e Braga (Delgado, 1994). A forma 6 original é uma produção iniciada na Campânia a partir da época de Augusto e que perdura até ao final da última metade do séc. I d.C. (Aguarod Otal, 1991: 77-78).

A forma 3 de Aguarod surge representada por um único exemplar com 35 cm de diâmetro e bordo igualmente arredondado, engrossado e voltado para o exterior (Fig. 5, n.º 2). Estas tampas popularizaram-se entre finais do séc. I a.C. e a época augustana-tiberiana (Aguarod Otal, 1991: 64-66). Sendo uma peça de origem campana deverá atribuir-se, tal como para o exemplar de Santarém (Arruda e Viegas, 2002: 228), uma cronologia entre a segunda metade do século I a.C. e os inícios do século I d.C.

3.3. Ânforas

Tal como já foi mencionado, optou-se por ter apenas em conta neste estudo os exemplares que se teve oportunidade de observar directamente. Consequentemente, o conjunto de material anfórico

classificável tipologicamente que se apresenta é muito escasso. Reduz-se, neste caso concreto, a dois elementos de bordo, duas asas e dois bicos fundeiros, integrados exclusivamente na tipologia Haltern 70 de produção peninsular (= Classe15). Esta situação contrasta com a listagem de inventário geral que consultámos e que dá conta de mais de um milhar de entradas reportáveis a ânforas. É certo que, na maioria, relatam a existência de fragmentos indiferenciados de bojo. Foi possível identificar no depósito, mais de duas centenas de paredes de ânfora, maioritariamente de produção Bética (Guadalquivir). Apesar de significativo é um número que fica aquém do que se encontra registado, devendo assinalar-se que foram detectadas várias peças mal classificadas. Mas, o dito inventário dá conta ainda da presença de cerca de três dezenas de fragmentos de bordo, duas dezenas de asas e cinco bico fundeiros que não foram localizados. Deverá dar-se conta que, entre os desenhos em arquivo, constam dois bordos de tipologia distinta à Haltern 70 mas que se optou por não apresentar. Receamos que possam estar mal orientados, sendo mesmo impossível determinar o seu fabrico e origem.

Como referido, integramos todos os exemplares reconhecidos na tipologia Haltern 70 cuja composição das pastas granulosas aponta para uma proveniência do vale do Guadalquivir (Fig. 6). Os bordos em forma de “colarinho”, as asas ovais com canelura vertical, e os bicos fundeiros maciços preenchidos com uma bola de argila – asseguram igualmente a proveniência daquela região (Remesal Rodríguez e Carreras Monfort, 2003). Afastando-nos da problemática inerente ao produto que preferencialmente transportavam e não obstante ter sido igualmente utilizada para transportar vinho, subprodutos vínicos e conservas, esta produção documenta a penetração e conquista de mercados até então dominados pelas produções itálicas, por parte da produção vitivinícola da Hispânia meridional. Processo que terá ocorrido de forma progressiva a partir de meados do séc. I a.C., cronologia usualmente sugerida para o início de produção destes contentores, atingindo o auge de produção durante o período júlio-claudiano (Colls *et al.*, 1977: 33-38; Remesal Rodríguez e Carreras Monfort, 2003: 21 e 22) e desaparecendo do registo arqueológico em finais do séc. I d.C.

4. NOTA FINAL

A plataforma artificial do Cabeço da Mina (Fig. 1 e 2), onde se concentraram os trabalhos de escavação até agora desenvolvidos, constitui apenas uma parcela do todo que constitui a estação arqueológica do Cabeço do Vouga. Não são conhecidos os limites reais da sua área construída, desconhecendo-se inclusivamente a existência de muralhas. Topograficamente, se tivermos apenas em consideração a delimitação das duas plataformas com vestígios comprovados (Cabeço Redondo e Cabeço da Mina – Fig. 1), engloba uma área de cerca de seis hectares. Sendo uma extensão regular equiparada a *oppida* da região, não deixa de se afastar da área de outras cidades próximas localizadas ao longo da faixa costeira como Conimbriga e *Aeminium* que, durante o alto-império, se aproximariam dos 20 hectares. Não obstante, como capital de *civitas*, *Talabriga* presidia um vasto território (muito semelhante em termos espaciais a estas cidades), que se estendia desde Ul (a norte) até às imediações da Mealhada (a sul) e desde o oceano até às proximidades da actual povoação de Benfeitas (a oriente) (Alarcão, 2004: 327). Todavia, sabemos que mais do que o aparato arquitectónico ou extensão urbana, estas capitais de *civitates* se destacavam no quadro das respectivas unidades territoriais sobretudo pelas actividades de natureza administrativa, jurídica e mesmo religiosa que neles tinham lugar, tal como se observa no interior norte da Lusitânia (Carvalho, 2010). De todo o modo, será importante sublinhar que o conhecimento disponível sobre o sítio e estruturas do Cabeço do Vouga é ainda muito parcelar. Ainda assim, parecem não restar muitas dúvidas de estarmos na presença de um ambiente urbano, com construções públicas (possivelmente a localização do fórum) e outros elementos materiais que normalmente surgem neste tipo de contextos, evidenciando-se, por exemplo, os fragmentos de estatuária em mármore (Silva, 2010: 55) e aqueles que agora damos à estampa. Efectivamente, apesar de não se contar com uma coleção muito numerosa de itens importados, estes revelam que este território se encontrava plenamente integrado nas grandes rotas comerciais que atravessavam a faixa ocidental da Península Ibérica. Estas rotas, por sua vez, denunciam a existência de centros urbanos onde as mercadorias chegavam para serem em seguida distribuídas e comercializadas. Tal poderia suceder em *Talabriga* dada a sua posição geográfica estraté-

gica sobre duas importantes vias de penetração. Tal como Conimbriga e *Aeminium*, situa-se, segundo o Itinerário de Antonino, ao longo da estrada que liga *Olisipo* a *Bracara Augusta* (Lopes 2000; Mantas 2012) e tem uma ligação e acesso privilegiado ao oceano. O litoral e a área da foz do Vouga, tal como a do Mondego, sofreu grande alteração ao longo dos séculos, mas não é difícil de imaginar que esta relação com o Atlântico tenha sido decisiva para *Talabriga* e favorecido o contacto e integração nas rotas marítimas. É provável a existência de um porto em Cacia (Aveiro) que servisse este local (Alarcão, 2018: 239).

Os materiais apresentados põem em evidência a existência de um sistema comercial dinâmico, com principal ímpeto em época augustana, sobressaindo o fulgor dos contactos com a Península Itálica. Pela posição que ocupa, quer num enquadramento mais lato quer no contexto regional mais imediato entre o Vouga e o Marnel, o sítio do cabeço do Vouga terá constituído um polo de desenvolvimento que importa continuar a averiguar em toda a sua amplitude cronológico-cultural. Tendo em conta os vários constrangimentos enunciados e que foram modelando o rumo do trabalho apresentado, muito ficará ainda por deslindar. Optou-se por, neste primeiro ensaio, dar a conhecer a informação disponível e que se manteve inédita por tantos anos. Dada a relevância do local, deixa-se uma última palavra de expectativa e apreensão quanto ao rumo da sua futura investigação, salvaguarda e valorização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUAROD OTAL, C. (1991) – *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Institución “Fernando el Católico”, Zaragoza.
- ALARCÃO, J.; DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1976) – *Fouilles de Conimbriga VI. Céramiques Diverses et Verres*. Paris: Diffusion E. de Bocard.
- ALARCÃO, Jorge de (2004) – “Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – I”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7/1, pp. 317-342.
- ALARCÃO, Jorge de (2018) – *A Lusitânia e a Galécia: do séc. II a.C. ao séc.VI d.C.*, Imprensa da Universidade, Coimbra.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2002) – “As cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” da Alcáçova de Santarém”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5: 1, pp. 221-238.
- BELTRÁN, Miguel (1990) – *Guía de la Cerámica Romana*, Libros Pórtico, Saragoça.

- BOURGEOIS, Ariane; MAYET, Françoise (1991) – *Les sigillées*. Fouilles de Belo. VI. Paris: Publ. de la Casa de Velázquez. 14.
- CARVALHO, Pedro C. (2010) – “A Caminho do Douro na época romana. Da capital da “Ciuitas Igaeditanorum” aos “Territoria” dos “Lancienses, Araui, Meidubrigenses” e “Cobelci”. In CUBAS MARTÍN, N.; HIDALGO RODRÍGUEZ, D.; SALINAS FRÍAS, M. (coord.), *Arqueología, patrimonio, prehistoria e historia antigua de los pueblos “sin pasado”: ecos de la lusitania en Arribes del Duero*, Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 125-138.
- CARVALHO, Pedro C.; SILVA, Ricardo C. (2021) – “South gaulish Terra Sigillata in the forum of Aeminium (Coimbra, Portugal): a decisive component of the dating process”, In VIEGAS, C.; BUSTAMANTE-ÁLVAREZ, M. (eds.) – *South Gaulish sigillata in Southwest Hispania: circulation and consumption*. Estudos & Memórias 18, Lisboa: UNIARQ/FL-UL, pp. 35-44.
- COLLS, D.; ÉTIENNE, R.; LEQUÉMENT, R.; LIOU, B.; MAYET, F. (1977) – L'épave Port- Vendres II et le commerce de la Bétique à l'époque de Claude. *Archaeonautica* 1, Editions du CNRS, Paris.
- Conspectus = ETTLINGER, E. et al. (1990) – *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH. (Materialen zur romisch-germanisch- en KeramiK 10).
- DELGADO, M. (1994) – “Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável encontradas em Braga”, *Cadernos de Arqueologia*. Braga, Série II. 10-11, pp. 113-149.
- DELGADO, Manuela; MAYET, Françoise; ALARCÃO, Adília (1975) – *Fouilles de Conimbriga*, IV (*Les Sigillées*), E. de Boccard, Paris.
- DELGADO, Manuela; SANTOS, Luciano dos (1984) – “Marcas de oficinas de sigillatas encontradas em Braga. I”, *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série 2. 1, pp. 49-70.
- FERNANDES, L.; FILIPE, V. (2007) – “Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 10:2, pp. 229-253.
- GENIN, Martine (ed.) (2007) – *La Graufesenque (Millau, Aveyron)*. II. *Sigillées et autres productions*, Pessac: Éditions de la Fédération Aquitania (Études d'Archéologie urbaine).
- GOUDINEAU, Christian (1970) – “Note sur la céramique à engobe interne rouge pompéien”. *Mélanges de l'École Française de Rome*, LXXXII.
- LOPES, Luís S. (1995) – “Talábriga: situação e limites aproximados”, *Portugalia*, 16, pp. 331-343.
- LOPES, Luís S. (2000a) – “A estrada Emínio-Talábriga-Cale. Relações com a geografia e o povoamento entre Douro e Mondego”, *Conimbriga*, 39, IAFIUC, pp. 191-258.
- LOPES, Luís S. (2000b) – “Tentativa de sistematização da historiografia de Talábriga”, *Al-madan*, IIª série, n.º 9, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 28-38.
- LUTZ, Marcel (1974) – La céramique sigillée en Gaule. *Les Dossiers de l'Archéologie*. 6, pp. 20-42.
- MADAHIL, A. G. Rocha (1941) – “Estação luso-romana do Cabeço do Vouga”, *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 7, pp. 227-258 e 313-369.
- MANTAS, Vasco (2012) – *As vias romanas da Lusitânia*, Mérida, MNAR. (Studia Lusitana, 7).
- MAYET, Françoise (1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques: contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*. (Collection de la Mayson des Pays Ibériques; 21). Bordeaux: Pub. Cent. Pierre Paris.
- MEZQUÍRIZ, Maria A. (1985) – “Terra sigillata Ispanica”. In *Atlante delle forme cceramiche (Ceramica fine Romana nel Bacino Mediterraneo*. Enciclopedia Dell'arte Antica Classica e Orientale. Roma. 2, pp. 97-174.
- OCK = OXÉ, August; COMFORT, Howard; KENRICK, Philip (2000) – *Corpus Vasorum Arretinorum. A Catalogue of the signatures, shapes and chronology of italian sigillata*. Second edition revised and enlarged. Bonn: Rudolf Habelt GmbH. (Antiquitas. 3, 41).
- POLAK, M. (2000) – *South Gaulish Terra Sigillata with Potters' Stamps from Vechten, Nijmegen*. R.C.R.F., Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta, Supplementum 9. Nijmegen.
- REMESAL RODRÍGUEZ, José; CARRERAS MONFORT, César (2003) – Historia de la recerca. In *Culip VIII i les àmfores Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona, pp. 19- 23.
- SILVA, Fernando P. (2002) – *Estação Arqueológica do Cabeço do Vouga – Sítio da Mina. Quatro anos, quatro campanhas (1998-2001): um primeiro balanço*. Relatório Policopiado. Câmara Municipal de Águeda/Gabinete de História e Arqueologia/Património.
- SILVA, Fernando P. (2010) – *Estação Arqueológica do Cabeço do Vouga. Sítio da Mina..Guia da estação e do visitante*, Câmara Municipal de Águeda.
- SILVA, Fernando; MAIA Carlos (2005) – “A estação arqueológica do Cabeço do Vouga - Sítio da Mina (Lamas do Vouga, Águeda): um caso de musealização in situ no Baixo Vouga”. In SILVA, A. M. (coord), *Cartas Arqueológicas: Do inventário à salvaguarda e Valorização do Património*, Arouca, Câmara Municipal, pp. 69-75.
- SILVA, Ricardo C.; CARVALHO, Pedro C.; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2018) – “La cerámica de importación de los contextos de época Claudia del forum de Aeminium (Coimbra, Portugal)”, *SPAL*, Universidad de Sevilla, n.º 27.1, pp. 119-143.
- VIEIRA, V. D. Figueiredo (1870) – Excavações Archeologicas. O Mosteiro de Santa Maria de Lamas, *Escola Popular*, 29, Águeda.



Figura 1 – Em cima: Localização da estação arqueológica do Cabeço do Vouga na fachada atlântica da Lusitânia. Em baixo: Localização do Cabeço Redondo (1) e do Sítio da Mina (2) em imagem de satélite (© Google Earth).



Figura 2 – Em cima: Vista geral da plataforma artificial rectangular que ocupa espaço destacado do Sítio da Mina. Em baixo: Pormenor dos contrafortes e estruturas “semicilíndricas”. (© Arquivo da Câmara Municipal de Águeda).

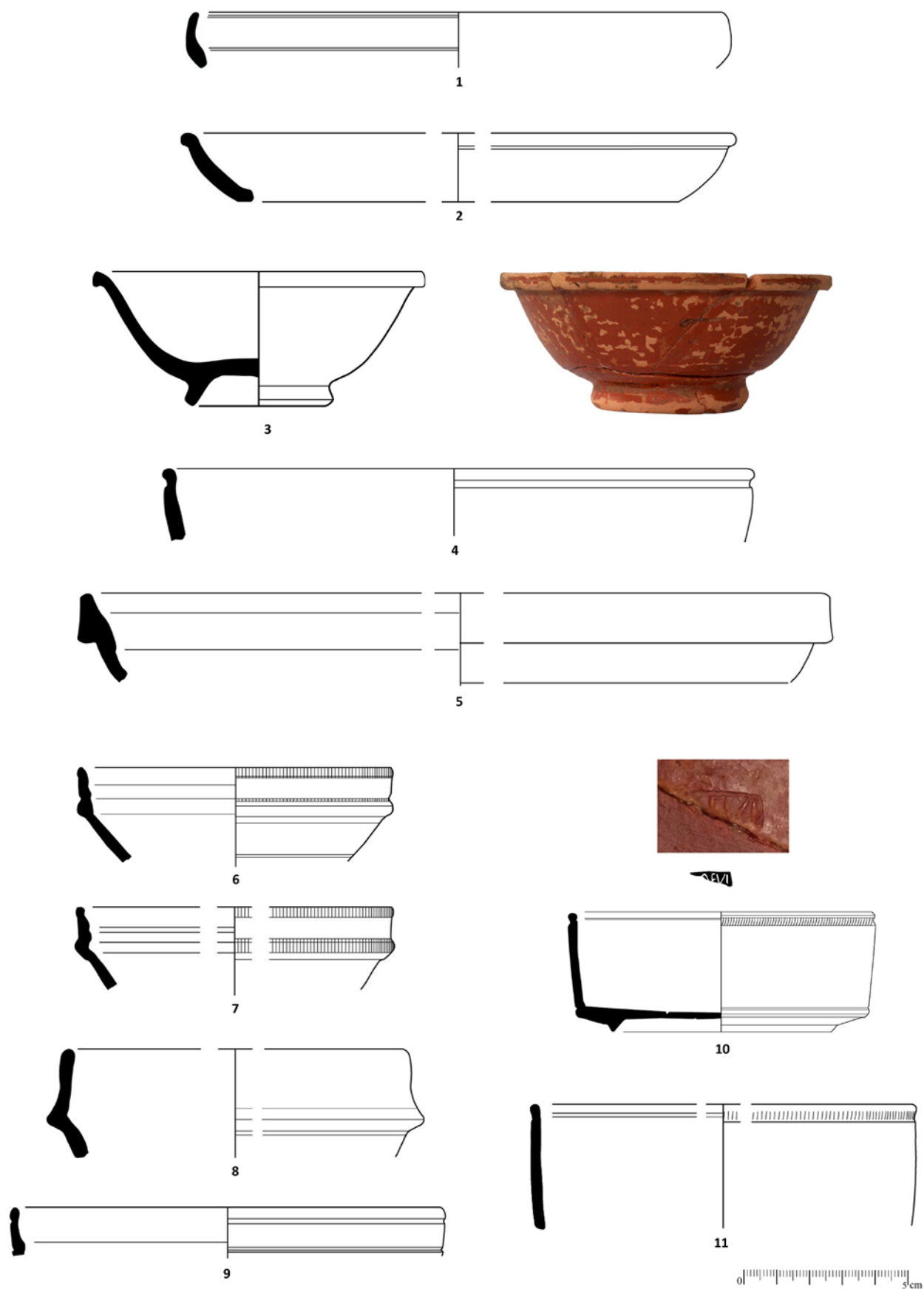


Figura 3 – *Terra Sigillata* Itálica (© Arquivo da Câmara Municipal de Águeda e n.º 3 desenho de Sara Almeida).

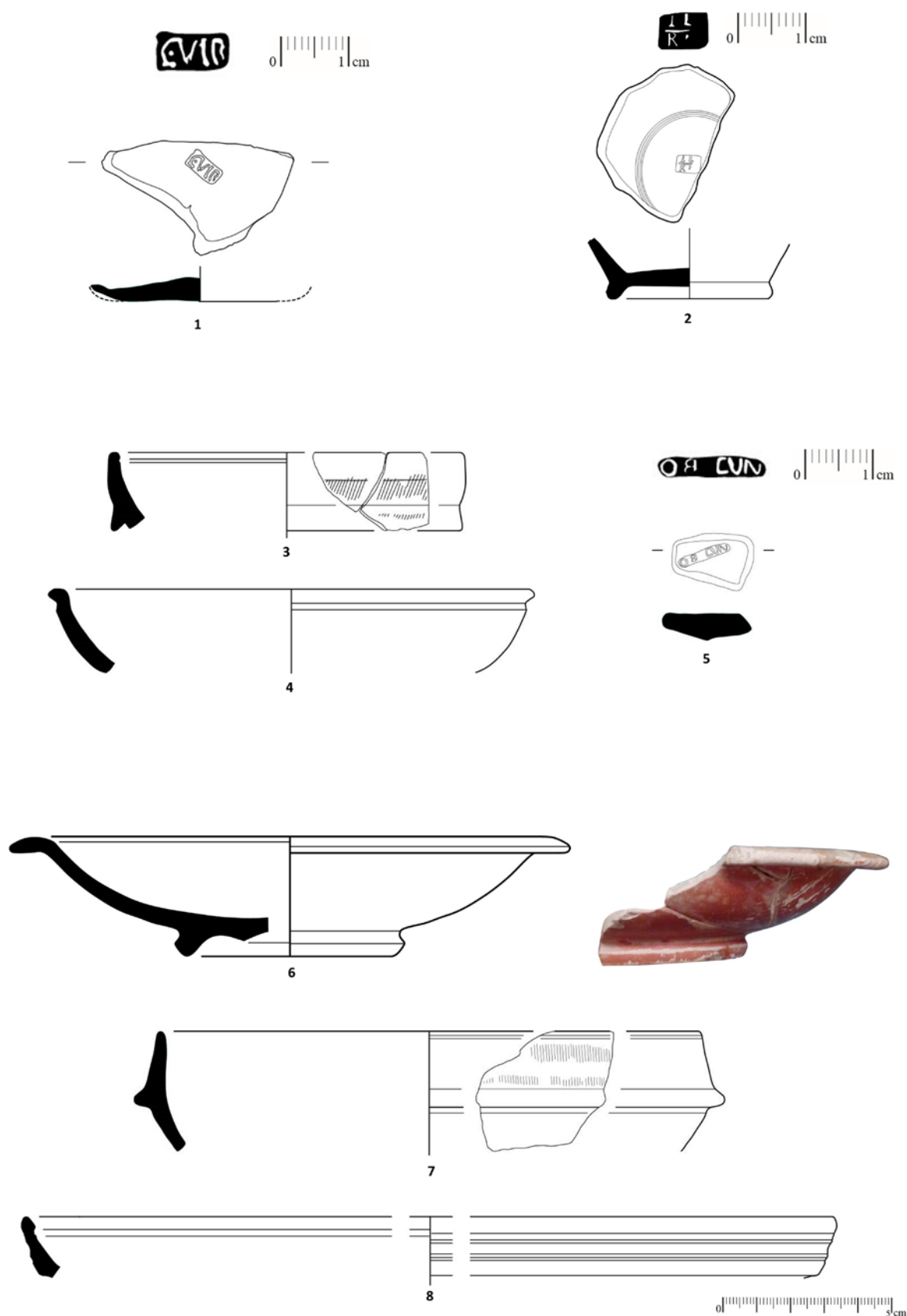


Figura 4 – Marcas de oleiro de *Terra Sigillata* Itálica (1-2); *Terra Sigillata* Sugálica (3-5); *Terra Sigillata* Hispânica (6-8) (© Arquivo da Câmara Municipal de Águeda e n.º 6 desenho de Sara Almeida).

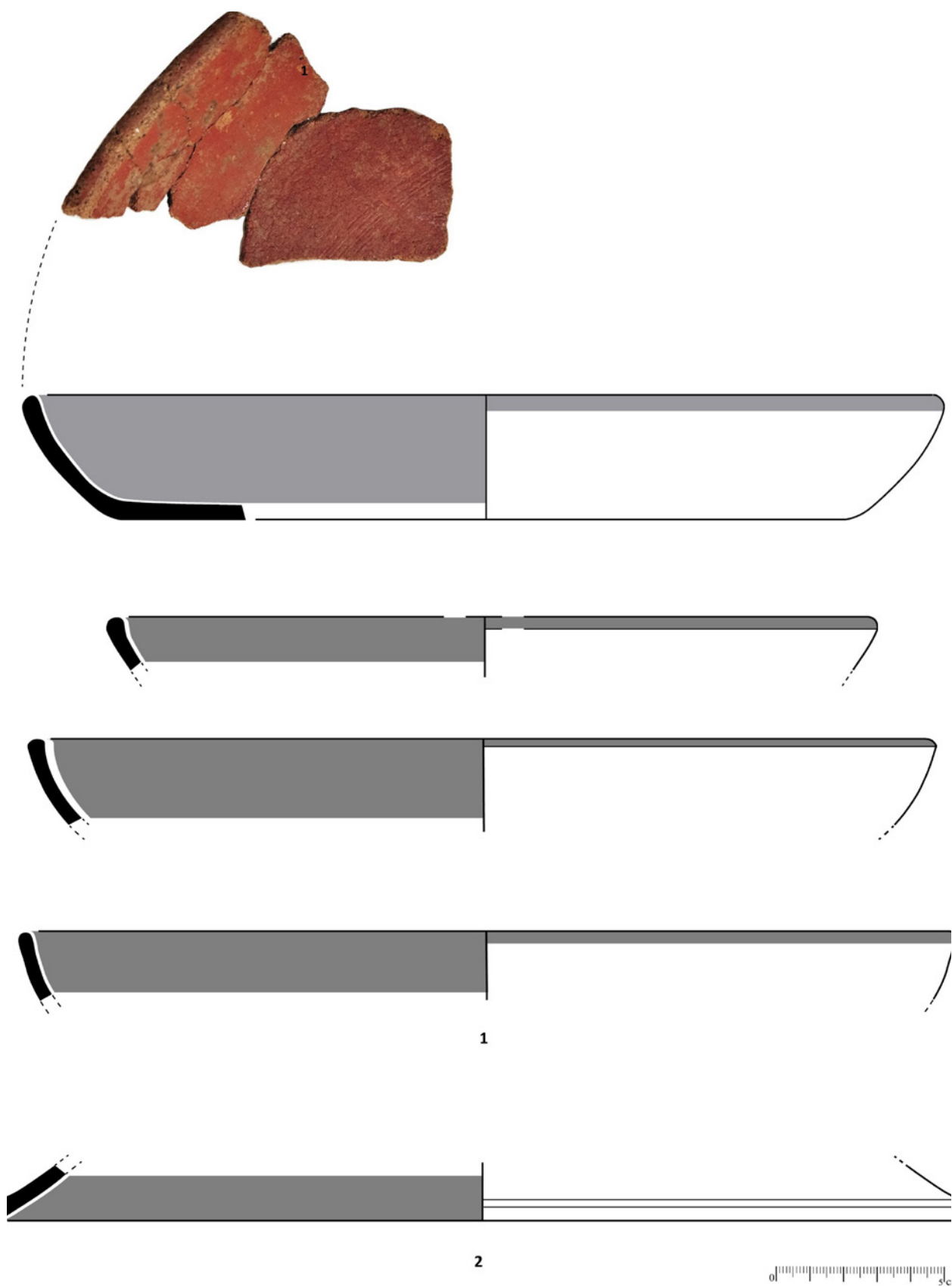


Figura 5 – Cerâmica de engobe vermelho pompeiano (desenhos de Sara Almeida).

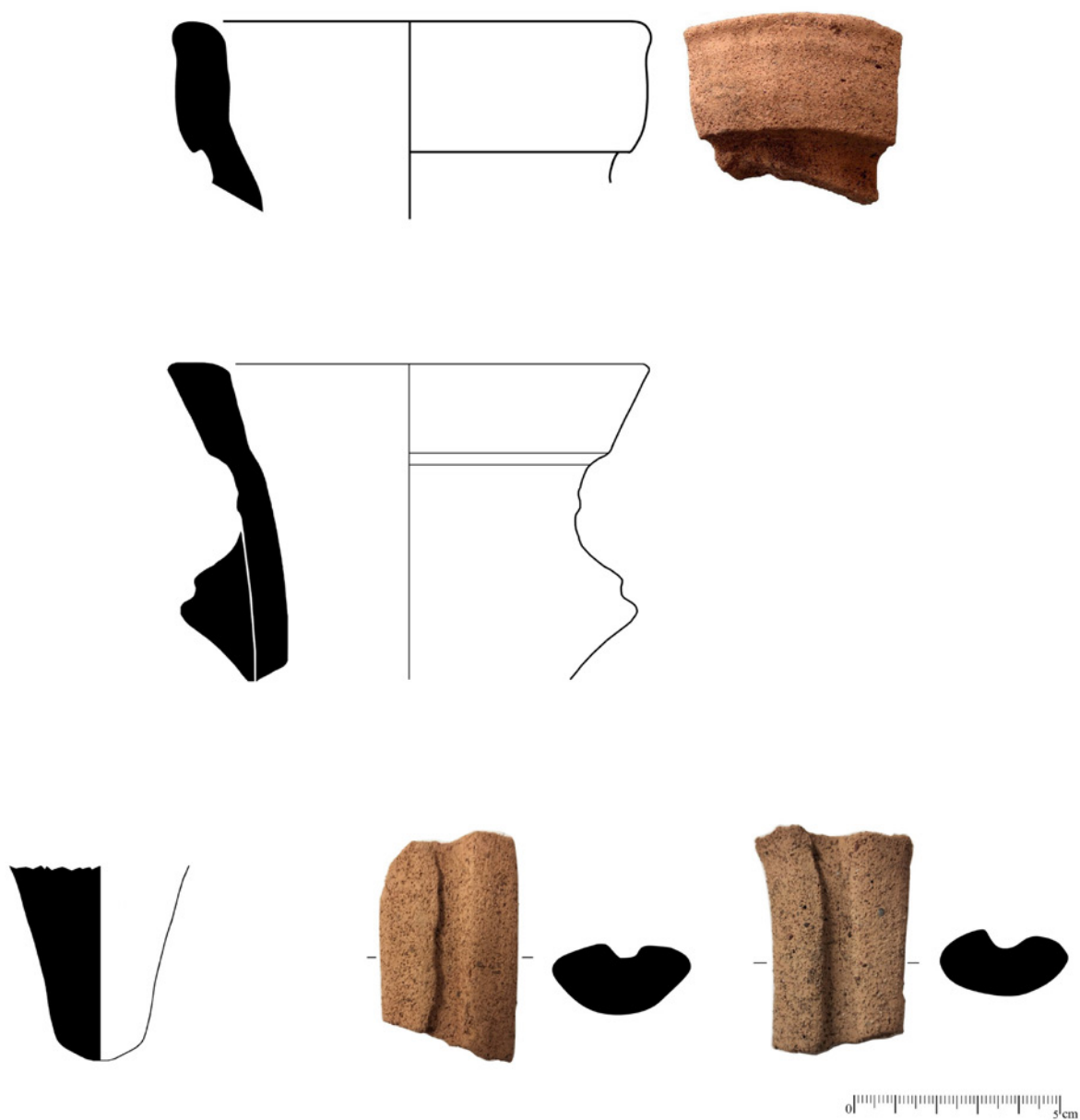


Figura 6 - Ânforas (© Arquivo da Câmara Municipal de Águeda).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**